NO DISCURSO, INTER-RELAÇÕES ENTRE A LEITURA E O PROFISSIONAL DE SECRETARIADO

Ana Claúdia Silva de Oliveira Rocha[1], Anne Francialy da Costa Araújo[2], Maria Lucilene da Silva[3]

[1]Graduada em Secretariado Executivo Trilíngue – FAL. E-mail: anaclaudiasorocha@gmail.com
[2]Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística - UFAL. E-mail: annearaujo@uol.com.br
[3]Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística - UFAL. E-mail: marialucilene@hotmail.com

Resumo: O artigo se propõe a descrever o que profissionais de secretariado e/ou estudantes de secretariado leem, analisando a frequência com que a Literatura de autoajuda se faz presente entre essas leituras e que relevância os Secretários atribuem a esse tipo de Literatura. Utiliza, para tanto, um *corpus* composto por discursos colhidos por meio de questionários aplicados com alunos e profissionais de Secretariado. Os dados foram analisados qualitativamente, tendo como suporte teórico a Análise de Discurso francesa (ORLANDI, 2004, 2005; PÊCHEUX, 1997, 1999). A análise aponta que os secretários pesquisados leem pouco, sendo as obras de autoajuda lidas por escolha pessoal ou por influência da mídia. Obras de reconhecido valor científico ou literário só são lidas, na maioria das vezes, por indicação dos professores e/ou de outros profissionais.
Palavras-chave: Análise do discurso; Literatura; Secretário Executivo

1.INTRODUÇÃO

A atuação do Secretário Executivo no mercado de hoje é marcada por um paradoxo: de um lado, exigências o impelem a um perfil mais polivalente nas empresas; de outro, esse próprio mercado não reconhece o Secretário como um profissional que é capaz de assumir esse perfil. Em meio a esse paradoxo, o profissional da área vive uma crise de identidade, como aborda o trabalho de Santos e Araújo (2006) e busca auxílio para suas dúvidas e angústias na Literatura de autoajuda, de acordo com a indicação do estudo de Hora e Araújo (2005).

No caminho deixado por esses estudos, este trabalho se propõe a descrever o que os Secretários e/ou estudantes de secretariado leem, analisando o quanto a Literatura de autoajuda se faz presente entre essas leituras e que relevância os pesquisados atribuem a esse tipo de Literatura.

A intenção é contribuir para os estudos sobre o discurso numa área específica e nova do conhecimento, no caso, o secretariado. Para tanto, o trabalho toma como referencial teórico a Análise de Discurso francesa (AD), cujos principais representantes são Pêcheux (1997) e Orlandi (2005; 2004; 2001). Isto posto, vale salientar que o resultado de nossa pesquisa com o discurso de alunos e profissionais de Secretariado sobre hábitos e tipos de leitura encontra-se exposto, aqui, em três momentos, a saber: material e métodos, resultados e discussão dos dados coletados e conclusões.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O analista de discurso busca compreender "[...] como um texto produz sentidos" (ORLANDI, 2001, p.19). Para isso, ele deve expor "[...] os mecanismos dos processos de significação que presidem a textualização da discursividade". (ORLANDI. 2001, p.23).

Devemos ressaltar que o discurso é produzido segundo três processos: a. *constituição* – em que a memória se faz marca e com ela a história e a ideologia; b. *formulação* – quando as condições de produção e de enunciação se mostram fundantes; e c. *circulação* – que acontece em certa situação e condição (ORLANDI, 2001). O analista pode trabalhar com qualquer desses processos, mas, ainda segundo Orlandi (2001, p.9), "[...] é na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde)". E essa formulação se materializa no discurso tornando texto pela textualização.

Considerando isso, este estudo, de natureza descritiva, usando uma abordagem qualitativa e fundamentando-se na teoria e métodos da Análise de Discurso, recorreu à pesquisa bibliográfica e de campo para coletar seus dados e também utilizou discursos já coletados em pesquisa anterior (SANTOS e ARAÚJO, 2006).

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

Foi feita a pesquisa bibliográfica, realizada em livros, revistas, anais, internet, etc. Esses dados foram reunidos em fichas de leitura e utilizados na descrição, análise e discussão dos dados coletados no campo. Utilizamos também um *corpus* composto por discursos colhidos por meio de entrevistas, gravadas em áudio e, posteriormente transcritas, as quais foram realizadas com 12 alunos do curso de Secretariado Executivo, entre os quais, 5 são técnicos em secretariado e já atuam na área, e 1 representante do Sindicato dos Secretários de Alagoas. Os discursos, depois de transcritos, foram analisados, tomando-se por base a teoria discursiva.

3.RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 O secretário no mercado atual

Atualmente, o profissional de Secretariado é obrigado a acompanhar as mudanças e adaptar o seu perfil às novas exigências de um mercado cada vez mais ágil. Para se aperfeiçoar, mergulha numa busca incessante por conhecimento, melhorando seu desempenho profissional nas organizações. Essa busca por conhecimento contribui também para que o secretário ultrapasse as fronteiras organizacionais, seguindo outros ramos da profissão e o seu novo perfil surge em consequência desse mercado que agora não só permite como solicita o seu ingresso.

Com essa mudança de perfil e a exigência do mercado em relação às novas responsabilidades que são atribuídas a esse profissional no mundo global, aumentou também a necessidade de aprimorar a formação profissional, inclusive a formação acadêmica, bem como a necessidade de constante atualização com maior número de treinamentos.

Por isso, hoje, o Secretário necessita ter, em seu perfil, por exemplo, conhecimentos em diversas áreas, tais como noções de Economia, domínio de Línguas, noções de Administração, Sociologia, Contabilidade, Psicologia, entre outros. Mas, quem é esse profissional de acordo com a literatura da área, no Brasil?

Para Medeiros e Hernandes (2004, p.312):

> Secretária é uma profissional que assessora o executivo, transmite-lhe informação e executa tarefas que lhe são confiadas. Ela transformou-se, no mundo moderno dos negócios e nessa era da globalização da economia, em assistente executiva que domina as habilidades requeridas num escritório, demonstra capacidade para assumir responsabilidades sem supervisão direta e tem iniciativa para tomar decisões segundo os objetivos assinalados pela autoridade.

De fato, conforme a Lei nº. 9.261/96, que altera a Lei nº. 7.377/85, reguladora do exercício da profissão no Brasil, o Secretário Executivo, de acordo com o inciso I, do art. 2, é:

> a) O profissional diplomado no Brasil por curso superior de secretariado, legalmente reconhecido, ou diplomado no exterior por curso superior de Secretariado, cujo diploma seja revalidado na forma da lei.
> b) Portador de qualquer diploma de nível superior que, na data de vigência dessa Lei, houver comprovado, através de declarações de empregadores, o exercício efetivo, durante pelo menos de trinta e seis meses, das atribuições mencionadas no art. 4 desta Lei (BRASIL, 2012).

Essa mesma Lei ainda traz observações sobre as atribuições do Secretário Executivo, conforme se vê:

> Art.4- São atribuições de Secretário Executivo:
> I-planejamento, organização e direção de serviços de Secretária;
> II-assistência e assessoramento direto a executivos;
> III-coleta de informações para a consecução de objetivos e metas de empresa;
> IV-redação de textos profissionais especializado, inclusive em idioma estrangeiro;
> V-interpretação e sintetização de textos e documentos;
> VI- vetado;

VII-versão e tradução em idioma estrangeiro, para atender as necessidades de comunicação da empresa;
VIII-registro e distribuição de expedientes e outras tarefas correlatas;
IX-orientação da avaliação e seleção da correspondência para fins de encaminhamentos a chefia;
X- conhecimentos protocolares (BRASIL, 2012).

Essa definição legal do profissional, assim como de suas atribuições, provocou efeitos no cotidiano das empresas e dos Secretários. O principal deles tem sido a efetivação de pessoas sem qualificação devida em cargos e funções que deveriam ser ocupados por Secretários ou a efetivação de profissionais Secretários em cargos com outras denominações para que as empresas possam escapar das obrigações da Lei nº.9.261/96. (SANTOS; ARAÚJO, 2006).

Ainda de acordo com o trabalho de Santos e Araújo (2006), a formação da Identidade Profissional do Secretário Executivo é, ainda, algo em processo de construção já que a profissão tem um perfil muito diversificado e, ao mesmo tempo, indefinido; por isso mesmo essa identidade não deve deixar de ser buscada. Além disso, como dito, a existência de profissionais sem a qualificação exigida e sem o reconhecimento da Lei que regulamenta a profissão contribui para a falta de concretização de uma identidade profissional da categoria, visto que esses profissionais, muitas vezes, não se reconhecem Secretários, não se sindicalizam, não participam das lutas e eventos destinados à categoria. Essas asseverações nos fazem pensar o quanto é necessário que os próprios Secretários passem a reconhecer, defender, sentir orgulho, respeitar e valorizar a profissão que escolheram.

De acordo com a pesquisa de Santos e Araújo (2006), realizada com profissionais de Secretariado Executivo no mercado alagoano, há por parte desses profissionais falta de clareza quanto ao que sejam as funções dos técnicos e as funções dos Secretários Executivos. Os entrevistados da citada pesquisa definiram-se a partir das funções dos técnicos em Secretariado, apresentando assim um perfil bastante indefinido, que contradiz, dessa forma, o perfil traçado e defendido pelos Manuais de Secretariado e a Fenassec – Federação Nacional dos Secretários e Secretárias. Todo esse processo interfere na construção identitária desse profissional. Aliado a isso, vamos ter a influência da fundamentação que esse profissional busca e utiliza para construir sua carreira. Considerando isso, a seguir veremos alguns dos fundamentos discursivos que recorreremos para a análise sobre o que os secretários leem durante o seu processo de construção do saber necessário para a atuação na área.

3.2 Noções sobre o Discurso

A Análise de Discurso é construída a partir de uma articulação entre três regiões do conhecimento: a Linguística, o Materialismo Histórico e a teoria do Discurso, concebendo essas regiões como atravessadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica.

Nas palavras de Orlandi (2005, p.13), “[...] a Análise de Discurso (AD) é a área dos estudos linguísticos que se define como uma disciplina de entremeio”, ou seja, uma disciplina que está entre áreas do saber e que não pode ser tratada somente como interdisciplinar, como dizem alguns teóricos. Ela é muito mais que isso, pois tem uma especificidade própria e caracteriza-se por ser uma teoria crítica sobre a linguagem, razão pela qual Orlandi (2005) afirma que a Análise de Discurso é uma forma de conhecimento que se faz no entremeio, considerando o confronto, a contradição entre sua teoria e sua prática.

Como afirma Araújo (2006, p. 20), “A AD não é Linguística, não é Marxismo, não é Psicanálise, ela é uma área de interpretação do discurso, entendido como materialidade da língua, que reúne estrutura e acontecimento em um sujeito marcado pela falta”.

“Essa área de estudos surge no século XX, por volta dos anos 60, como uma reação ao estruturalismo e a gramática gerativa transformacional, duas fortes tendências no campo da linguagem” (FERREIRA, 2012).

A Análise de Discurso pode ser considerada como uma prática e um campo da linguística e da comunicação especializada em analisar construções histórico-ideológicas presentes num texto. Mas como a própria nomeação da área indica, a AD não trata da língua ou da gramática, embora isso seja

basilar em suas elaborações, ela trata do discurso, tendo como significado para o discurso a ideia de curso, de trajeto, de movimento, ou seja, "uma palavra em movimento".

Na Análise de Discurso, analisam-se o contexto, a história, a superfície linguística e o que o sujeito propõe pensar, o que é dito e o que foi apagado ou negado com esse dizer. Por isso se dizer que o discurso é "[...] efeito de sentido entre locutores" (ORLANDI, 2005, p.21) algo que está além da superfície linguística da frase e do texto. Nessa perspectiva, vale salientar, o discurso não se confunde com a fala, uso individual da língua, que, por sua vez, não é apenas um código, entre tantos outros. "É a língua esburacada, sujeita a equívocos e falhas, pressupostos para analisar a materialidade do discurso". (FERREIRA, 1999, p.63).

Na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história. Nessa direção, segundo Orlandi (2005, p. 26), "[...] não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender".

3.3 No discurso, a leitura entre os secretários

Os entrevistados, em seus discursos[1], demonstram que leem um pouco de diversas formas de literatura, desde livros, quase sempre religiosos, até jornais, revistas e a internet, conforme podemos interpretar nas sequências discursivas S1, S2, S3 e S4.

> S1
> Minha leitura é bem eclética, gosto de ler de tudo, gosto de ler revistas, gosto de ler livros, tenho o costume de ler a bíblia diariamente e é, basicamente, isso; gosto de ler de tudo um pouco, gosto também de conhecer todas as linhas de raciocínio.
> S2
> Bom, além da bíblia sagrada, eu costumo ler livros literários, livros que ajudem na minha formação profissional, e também que me deem um embasamento espiritual.
> S3
> Bom, eu sempre tô lendo livros espíritas, gosto muito de ler livros espíritas, porque é uma doutrina que eu acredito e me ajuda muito no dia-a-dia.
> S4
> [Eu li, recentemente] "A Vida é fantástica", que é um livro também pra área mais profissional. Li alguns livros de Augusto Cury, que é, fala sobre a inteligência, também inteligência emocional.

Essas sequências indicam a forte presença do discurso religioso norteando as leituras que os entrevistados fazem (S1, S2 e S3). Há que se observar, também, a presença de enunciados que remetem os entrevistados a uma necessidade de ajuda espiritual e/ou emocional que lhes ajude a enfrentar a rotina exaustiva e estressante de trabalho nas organizações modernas. É como podemos interpretar algumas das sequências produzidas por nossos entrevistados.

Antes, porém, devemos retomar o sentido dado por Pêcheux (1997) ao gesto da interpretação, o qual envolve um dispositivo teórico de descrição e interpretação, buscando-se trabalhar no espaço resultante dos pontos de deriva que, numa sequência de enunciados, se oferecem à interpretação.
Exemplos disso podem ser os enunciados "livros que ajudem na minha formação profissional, e também que me deem um embasamento espiritual" (S2); "ler livros espíritas [...] me ajuda muito no dia-a-dia" (S3); "A Vida é fantástica", que é um livro também pra área mais profissional"(S4), nos quais a recorrência aos livros para buscar ajuda é bastante presente. Fato semelhante é observado quando os entrevistados comentam se o que leem influencia em sua vida.

> S5
> Eu acho que toda leitura que a gente faz é válida, que é sempre um aprendizado a mais, independente do que você esteja lendo. Mas eu procuro assim, essas coisas me

[1] As falas analisadas foram transcritas tal qual foram enunciadas pelos entrevistados.

> incentiva [...] Eu procuro ler, pra me incentivar, assim no dia-a-dia, pra me animar, pra me incentivar, na minha profissão, na vida com minha família, aí eu procuro ler neste sentido mesmo de, pra mim mesmo particular, pra meu conhecimento.
> S6
> Influenciou. Eu passei a refletir mais no meu trabalho sobre as atitudes que eu vinha tomando ultimamente; isso poderia mudar por que alguns conflitos surgiam. Passei a gerenciar mais os conflitos entre eu e meus colegas, e entre eles próprios, então passei a intervir nos conflitos e eu acho que eles [os livros] me influenciaram positivamente. Apliquei todas as dicas.

Em S5, destaca-se o acento à seleção de leituras que incentivem o entrevistado: "Eu procuro ler, pra me incentivar, assim no dia-a-dia, pra me animar, pra me incentivar, na minha profissão, na vida com minha família [...]".

S6, por sua vez, salienta que as leituras que fez, ultimamente, influenciam em suas atuações no trabalho. Apesar disso, no entanto, seu discurso se mostra cindido entre essa afirmação e uma dúvida sobre se sua mudança de atitude no trabalho, de fato, foi decorrente do que leu. Assim, no início da sequência afirma-se a "influência" da literatura e depois um "eu acho" enuncia a dúvida: "eu acho que eles [os livros] me influenciaram positivamente. Apliquei todas as dicas" (S6).

Outro dado observado é que os entrevistados buscam em suas leituras um significado para a profissão de secretário e dicas para conseguir vencer nessa área, como podemos interpretar em S7.

> S7
> Bem nas últimas entrevistas que eu acabei lendo na revista Você S.A, eu vi que uma das tendências para o profissional de secretariado seria a parte de assessoria para executivos, que tá em alta, crescente, em desenvolvimento; então, isso já me animou a fazer cursos de pós-graduação nessa área e me aperfeiçoar em inglês, espanhol e alemão, que são as línguas que estão em alta no momento.
> [...]
> Essas [leituras de] que eu falei, "Como ser uma secretária eficiente", são literaturas que me animam a usar no meu dia-a-dia as dicas que eles dão, pra se adaptar a meu dia-a-dia como secretária, mas outras leituras como a revista Você S.A me dão ânimo para investir no novo mercado de trabalho, para eu tentar me reciclar e procurar uma coisa diferente neste sentido mesmo.

Nessa sequência, o entrevistado reforça a linha de interpretação que estamos destacando ao longo deste trabalho, qual seja a de que o secretário lê, mas o faz quase sempre buscando "ânimo" para melhorar sua atuação profissional. Os livros produzidos na área, nessa perspectiva, contribuem para essa busca, posto que reafirmam essa necessidade de ser eficiente, ser líder, ser um assessor capaz, etc. Exemplo disso são os livros que os entrevistados declaram ter lido: "Como ser uma secretária eficiente" (S7); um livro sobre Inteligência Emocional (S4) e outro sobre Conflitos nas Organizações (S6), todos livros que tematizam as relações entre a eficácia, a eficiência e controle das emoções e conflitos nas empresas.

O que se pode depreender, então, dessas sequências discursivas é que o prazer pela leitura, a prática da leitura são elementos ainda distantes dos nossos entrevistados que leem por indicação do professor (S8), porque é o "dia de ler" (S9) ou porque o trabalho exige isso (S9 e S10).

> S8
> "Etiqueta na prática" foi o único [livro] que chamou a minha atenção; desde o período passado, eu tinha pagado matéria com a M., e eu tinha sentido que tinha faltado alguma coisa na minha parte e comecei a ler até porque as pessoas começavam a me perguntar. "São Miguel: Histórias e Contos" foi um livro que eu li devido a um concurso, concurso público que eu fiz que tinha que ler as História de São Miguel e... "O que é Sociologia" foi indicação do professor C. (risos).
> S9

> Eu gosto de ler, eu gosto de dia de domingo, eu leio por causa disso, mas eu gosto de ler. Em casa, eu tenho a Época, eu leio a Galileu, a Saúde. Então, nessas revistas eu leio a parte mais relacionada à saúde.
> S10
> Eu não tenho lido ultimamente livros, eu tenho lido mais revistas como a "Executiva", e todos os jornais locais e internet eu acesso mais por causa de meu trabalho.

O discurso, como indica Orlandi (2001), é produzido segundo três processos: a. *constituição* - em que a memória se faz marca e com ela a história e a ideologia; b. *formulação* - quando as condições de produção e de enunciação se mostram fundantes; e c. *circulação* - que acontece em certa situação e condição. O analista pode trabalhar com qualquer desses processos, mas, ainda segundo Orlandi (2001, p.9), "é na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde)". O percurso de análise aqui traçado é demonstrativo de como na formulação os sujeitos eclodem no fio do dizer, indicando as marcas que os constituem.

4. CONCLUSÕES

A análise dos dados aponta um fato, um tanto estarrecedor, os secretários executivos e alunos de secretariado leem pouco, suas leituras são principalmente de autoajuda e/ou da área de administração e têm a função de lhes dar a referência que não encontram nos livros de secretariado.

Os secretários e alunos pesquisados afirmam que selecionam suas leituras por indicação de algum professor, por necessidade de trabalho ou por necessidade de apoio emocional/ espiritual, havendo uma recorrência, nesse sentido, à literatura religiosa e de autoajuda. Deve-se salientar, no entanto, que, nas sequências analisadas, o discurso religioso se presentifica, também, como uma forma de autoajuda. Sua função é dar ânimo e força aos entrevistados para que estes enfrentem as dificuldades do mercado de trabalho e busquem, inclusive, uma atualização profissional.

Pudemos observar, também, que a autoajuda entra na vida dos informantes, muitas vezes, sob a influência do discurso administrativo e/ou psicológico, que dissemina técnicas de autoajuda como forma de motivação e de alcance do sucesso ou de administrar conflitos e pessoas.

Vimos, a partir dos dados coletados, teórica e discursivamente, que a identidade é um constante devir. Na modernidade, os sujeitos, afetados por vários fatores, tais como a globalização e as relações de trabalho, enfrentam uma sensação de fragmentação, de não pertencimento, de isolamento sem precedentes.

Diante dessa fragmentação os sujeitos buscam identidades que lhes garanta certa unidade. Nossos informantes mostram, no discurso, essa fragmentação, assim como o caminho que eles têm usado para encontrar a unidade e sobreviver em meio a isso, qual seja: a leitura de livros religiosos e de autoajuda. Essas leituras parecem, nesse sentido, exercer uma função paliativa que permite a esses sujeitos continuarem no mercado em meio a todas as dificuldades enfrentadas.

Por fim, esperamos que aquilo que pudemos realizar possa ser utilizado pelos responsáveis pela formação dos secretários executivos no Brasil, para que estes discutam as questões aqui apontadas com seus alunos, bem como pelos órgãos de classe, visando à determinação de uma base identitária para a área. Talvez, então, tendo esse suporte a área não fique tão sujeita aos textos de autoajuda ou, pelo menos, tenha mais condições de questionar e/ou entender sua ligação com tais textos, bem como possa adotar uma postura que envolva um nível de leitura mais aprofundado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Anne Francialy da Costa. **De Sujeito(s) ao Diretório:** uma contribuição discursiva ao estudo da língua e identidade nacional. 2006. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística). Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Maceió, 2006.

BRASIL. LEI nº 9.261 de 10 de janeiro de 1996. Altera a redação dos incisos I e II do art. 2º, o capítulo do art 3º, inciso VI do art 4º e o Parágrafo Único do art. 6º da Lei nº 7.377, de 30 de setembro de 1985. **Fenassec**. Disponível em: <http://www.fenassec.com.br/lei.htm>. Acesso em: 06 ago. 2012.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **As interfaces do discurso nos quadros das ciências humanas.** Rio Grande do Sul: UFRGS, 2004. Disponível em: <http://www.discurso.ufrgs.br/article.php3?id_article=3>. Acesso em: 2 ago. 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Eletrônico** – Século XXI, versão 3.0. [S.l.]: Lexikon Informática Ltda, 1999. 1 CD-ROM

HORA, Sylvia Canuto da; ARAÚJO, Anne Francialy da Costa. **O discurso da Literatura de Autoajuda na linguagem do profissional de Secretariado.** Relatório PIBIC/CNPq/FAL, Maceió: 2005.

MEDEIROS, João Bosco; HERNANDES, Sônia. **Manual da Secretária**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 6.ed. Campinas-SP:Pontes, 2005.

_____. **Interpretação.** Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes, 2004.

_____. Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos. Campinas-SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et.al. **Papel da memória.** Campinas-SP: Pontes, 1999.

_____. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1997.

SANTOS, Mônica Bernardo Lopes dos; ARAÚJO, Anne Francialy da Costa. **Secretário Executivo**: no discurso, a identidade profissional. Relatório PIBIC/CNPq/FAL, Maceió: 2006.